

O ESCRAVO NOS ANÚNCIOS DE JORNAL DE SERGIPE

Luiz MOTT ⁺

INTRODUÇÃO

Dois são os objetivos deste trabalho: 1ª) Chamar a atenção dos estudiosos da população para uma importante fonte documental pouco explorada pela demografia histórica - os anúncios de jornal, fonte que após depuração sistemática pode fornecer ricas informações quantitativas e qualitativas sobre inúmeros aspectos da estrutura e dinâmica de nossas populações escravas; 2ª) Avançar na caracterização da etno-demografia escrava da Província de Sergipe, trazendo novas informações retiradas agora dos anúncios de jornal.

OS ANÚNCIOS DE JORNAL: FONTE PARA A ETNO-DEMOGRAFIA HISTÓRICA

Foi em 1934 que o pioneiro Gilberto Freyre iniciou o estudo dos anúncios de escravos nos jornais do Brasil Imperial: tomando como amostra o Diário de Pernambuco e o Jornal do Comércio (RJ) entre 1825-1888, este Autor demonstrou tanto entusiasmo por esta fonte documental que chegou a propor mais um ramo do saber, "a Anunciologia, uma quase nova ciência" (1). Embora sempre muito criativo, Mestre Gilberto não vai além de generalizações assistemáticas sobre o tema, pois os dez mil anúncios que diz ter consultado permitiriam um tratamento quantitativo bastante sofisticado, tarefa que deixa de fazer. Mais preocupado na interpretação antropológica das características de personalidade e

+ Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Sócio dos Institutos Históricos e Geográficos da Bahia e de Sergipe.

(1) Freyre, Gilberto. Os Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros. SP, 1979

das formas corporais dos escravos colocados à venda ou fugidos, não explora convenientemente o manancial que tais anúncios podem representar como fonte subsidiária crucial para a caracterização demográfica do segmento servil. (2)

Uma primeira observação digna de nota é que os anúncios além das fugas ou roubos de cativos, retratam também outros aspectos ligados à comercialização do "gado humano": compra, venda, aluguel, hipoteca e leilão. Embora a fuga seja a notícia mais frequente - ao menos na imprensa sergipana - os anúncios do comércio de cativos fornecem igualmente riquíssimas informações sobre o valor, habilidades e outros aspectos da demografia da mão de obra de origem africana.

Recurso praticado por todos os países escravistas (3), tais anúncios via de regra fornecem minuciosas descrições sobre os escravos fujões, verdadeiros "retratos falados", que numa época anterior à fotografia, constituem a imagem mais fiel que podemos dispor da aparência física e outras características da escravaria. Eis um exemplo dentre os 130 anúncios que nos servirão de guia e que foram recolhidos no Correio Sergipense, o principal jornal de Sergipe entre os anos 1838-1864:

"Fugiu ao abaixo assinado, morador na cidade de Laranjeiras, no dia 19-7-1849, uma sua escrava de nome Hilária, com os sinais seguintes: mulata, cabelo ruim, testa alta, um sinal de talho na testa em cima de um olho, sobrancelhas regulares e pretas, olhos pretos, nariz regular, boca regular, beiços roxos, dentadura sã e dentes iguais, orelhas pequenas, pescoço fino, peitos pequenos e caídos, altura regular, seca de corpo, pés pequenos, dedos curtos, com sinal de panos escuros (micose) pelas apas, representa ter de idade 25 anos, tem de costume quando foje mudar o nome, cuja escrava comprou à Sra. D. Francisca Maria do Espírito Santo, moradora em Itaporanga. Quem a prender e a trazer ao anunciante receberá 30\$000 pelo seu trabalho. Ass. Francisco José dos Santos Cardozo." (4)

(2) Goulart, J.A. Da Fuga ao Suicídio. Editora Conquista-MEC, RJ, 1972
Renault, D. Indústria, Escravidão e Sociedade. Civilização Brasileira, RJ, 1976, Cap. II: "Atos Cruéis e Desumanos".
Mattoso, Kátia Q. Ser escravo no Brasil. Ed. Brasiliense, SP, 1982

(3) Mullin, G.W. Flight and Rebellion. Slave Resistance in Eighteenth-Century Virginia. Oxford University Press, N.Y., 1972

Everett, S. The Slaves. Bison Books, N.Y., 1978

(4) Doravante indicaremos o Correio Sergipense pela abreviatura "CS", seguido do dia, mês e ano onde o anúncio da fuga do escravo foi publicado em Aracaju.

Além de fornecer informações detalhadas sobre o físico e a procedência étnica e/ou cor dos fugitivos, cuidavam também em salientar os defeitos físicos ou vícios morais, assim como as habilidades profissionais e as circunstâncias e objetos carregados na ocasião da fuga. Eis outro exemplo:

"Na madrugada do dia 9 de junho de 1844, fugiu um escravo de nação Congo, de nome Francisco, com os seguintes sinais: tem uma ferida ou carnosidade em um dos olhos, faltam-lhe dentes na frente de ambos os queixos, principia a ter alguns cabelos brancos na cabeça e barba. Fala um tanto apressado e mal o nosso idioma e é muito pródigo em chorar. Este escravo o anunciante o comprou a José Maurício de Santana, morador na vila da Estância, tirando-o da cadeia no dia 8, onde se achava penhorado pelo juízo dos feitos da Fazenda Pública Provincial, por dívida que à mesma Fazenda devia o dito Maurício. Levou a seguinte roupa: camisas de algodão da terra e americano, ceroulas do mesmo e traz calça e véstia azuis e um chapéu de copa alta de carnaúba. Também levou um cobertor de algodão novo. Quem o levar a seu senhor, que reside na Capital de Sergipe, será generosamente pago." (CS, 15-6-1844).

Como se pode inferir, um levantamento sistemático destes anúncios permite ao pesquisador interessado no estudo da população servil, reconstituir minuciosamente e com bastante regularidade inúmeros traços e aspectos deste segmento que as outras fontes - os censos, as cartas de alforria, os testamentos e inventários, as matrículas, as relações nominais, etc - geralmente omitem ou são lacunosas. A saber: sexo, cor, aparência e condição física, naturalidade, residência, estado civil, ocupação, preço, proprietários anteriores. Posto que tais anúncios cobrem praticamente todo território imperial, conclue-se que tal fonte poderá permitir um sofisticado tratamento demográfico em escala nacional, que com os recursos da informática, não de trazer informações cruciais e inéditas sobre a famigerada "mancha negra" de nossa história. Que tal começar pelos dez mil anúncios que Gilberto Freyre diz ter coletado e que certamente estão arquivados na Fundação Joaquim Nabuco em Recife?

APORTE DOS ANÚNCIOS DE FUGAS DE ESCRAVOS À DEMOGRAFIA HISTÓRICA DE SERGIPE

Sergipe del Rey, a menor das províncias do Império, embora possuindo base ecológica e estrutura sócio-econômica bastante semelhante à Bahia, no que

tange à composição demográfica do elemento servi, revela marcantes peculiaridades. Não dispo de autonomia para importar mão de obra diretamente da África, era sobretudo através de Salvador que os africanos aportavam na Província, sendo por conseguinte, já desde os meados do século XVIII, diminuído aí o número de cativos originários da África, predominando por conseguinte os crioulos e mestiços. Numa amostra de 814 escravos ocupados na lavoura de mandioca em cinco freguesias sergipanas (1785), encontramos 34% de africanos e 66% de nacionais.(5) Na primeira metade do século XIX, os negros e pardos ingênuos, isto é, já nascidos livres, representavam 45,6% da população de cor de Sergipe, reforçando nossa ilação de que certamente os africanos natos nunca ultrapassaram 1/3 da escravidão desta Província nordestina. (6)

Em nossa amostra dos 144 escravos fugidos entre 1840-1864, 1/4 são nascidos em África, predominando os Nagô, Angola, Congo e Gêge. Comparativamente à composição étnica da amostra de 1785, notamos tendência semelhante à observada na importação de africanos pela Bahia, onde o ciclo da Guiné é seguido pelos ciclos do Congo-Angola e do Golfo de Benin.(7) O pequeno número de fugões africanos em Sergipe reflete a nosso ver antes sua pequenez na massa escrava do que a maior conformidade ou inviabilidade destes estrangeiros deixarem o cativo. Se de um lado encontramos nestes anúncios negros do Congo ainda "com fala um tanto atrapalhada, grossa e arremeçada", ou "ainda pronunciando mal a língua nacional", por outro lado há cativos como Pedro, 18 anos, "nação Angola, bem cuidado que parece crioulo" (CS, 5-5-1849), ou o caso do fujão do Engenho Araçá, em Laranjeiras, também angolano, que é apontado como sendo "bem ladino" (CS, 12-5-1849). Alguns destes negróides traziam estampado no corpo as marcas indelévels de suas etnias e/ou posição social: "Maria Rosa, nação Nagô, macia e preguiçosa no falar, tem sinais Gêge na cara e sinais bordados no braço direito junto à mão" (CS, 4-10-1854); Romão, 35 anos, nação Congo, "tem sobre o peito, costas e braços os sinais de sua terra, que são uns pequenos quadradinhos" (CS, 22-6-1842). Alguns Nagô são descritos como possuindo marcas tribais Gêge. Digno de

(5) Mott, Luiz. "População e Economia: Aspectos do Problema da mão de obra escrava em Sergipe", Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 28, 1979-1982:19-32

(6) Mott, Luiz. "Pardos e Pretos em Sergipe: 1774-1851", Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 18, 1976:7-37

(7) Verger, Pierre. O Fumo da Bahia e o tráfico dos escravos do Golfo de Benim. Centro de Estudos Afro-Orientais, nº 6, 1966, Salvador.

nota são as alterações dentárias: quatro dos fujões possuíam dentes limados (pontiagudos), sendo dois do Congo e curiosamente, dois nacionais: a parda I-sabel e o mestiço Joaquim, demonstrando o quão forte ainda na segunda metade do século passado era a influência estética ou ritual africanas, assimiladas inclusive pelos mestiços. Aliás, tais anúncios fornecem mais elementos informativos sobre os africanismos persistentes na escravaria sergipana: além da língua, muitos cativos carregam consigo traços culturais do continente negro, como tres mulheres e um negro que levaram na fuga os cobiçados "panos da costa", usados como turbante, faixa ou mesmo mochila. Um dos africanos, de nome Caciano, fugiu com "uma carapuça na cabeça" (CS, 29-9-1862); quem sabe se não era o complemento do "abadá", o traje islâmico usado pelos Malê na vizinha Bahia? (8) O que pensar do cabra Agostinho, 28 anos, "bom cozinheiro, com uma orelha furada que botava brinco"? (CS, 10-11-1847) Esta argola seria um enfeite típico de sua nação originária, ou uma vaidade feminil de influência lusitana, tão comum hoje em dia entre cozinheiros gays?

Muitos outros detalhes sócio-antropológicos são fornecidos pelos anúncios de Sergipe, embora passemos agora a privilegiar sobretudo os atinentes à demografia histórica, remetendo o leitor interessado à citada obra de G.Freyre.

Quanto à composição deste segmento populacional no tocante à cor, temos 68% de pretos para 32% de pardos fugitivos - porcentagem idêntica à encontrada no cômputo geral dos escravos de Sergipe constante no "Mapa Exato da População de 1834" (Mott, 1976:36-37). Nos anúncios os negros aparecem referidos com os seguintes qualificativos: muito preto, bem preto, crioulo, crioulo retinto, fula (cob' baça) . Os mestiços, por seu turno, assim eram chamados: pardo claro e escuro, mulato, mulato claro, cor de formiga, alaranjado, cabra. (9)

Ao todo são 144 os escravos fugidos: 36 mulheres (25%) e 108 homens (75%). Apresentando Sergipe em média uma superioridade de apenas 8,4% de cativos do sexo masculino face ao feminino, (54,2% de homens para 45,8% de mulheres), a superioridade de 50% dos fugitivos homens faz-nos conjecturar que para estes a condição servil devia ser mais cruel e insuportável, ao mesmo tempo que as peripécias e riscos da fuga tornavam tal decisão mais dificultosa para o chamado "sexo-frágil". Tendência, aliás, também observada alhures, pois nos

(8) Reis, J.J. Rebelião Escrava no Brasil. Editora Brasiliense, SP, 1986

(9) Mott, Luiz. "Branços, Pardos, Pretos e Índios em Sergipe: 1825-1830", Ana-lia de História (Assis), ano VI, 1974:139-184.

Estados Unidos, entre 1736-1801, de um total de 1280 fugitivos anunciados nos Jornais da Virgínia, 89% eram homens, as mulheres representando tão somente 11% (Mullin, 1972:40).

Embora predomine em Sergipe a fuga individual, por vezes os escravos escapam em pequenos grupos: há três anúncios de dois escravos fugidos juntos, um magote de tres negros, tres de um homem e uma mulher e dois de duas mulheres. Nestes casos, geralmente os desertores apresentavam certas similaridades, como pertencerem à mesma etnia, ou serem ambos crioulos ou de idade próxima. Às vezes são parentes: Guilherme, 18 anos, "crioulo um tanto prozista e ar alegre", escapuliu levando sua irmã Marta, 13 anos, "bastante magra, fala fina e viciosa" (CS, 12-3-1842); Mariana, 40 anos, africana "com princípios de cabelo branco e fala sofrível", bateu em retirada com a filha Genoveva, 14 anos, a qual "principia a apontar os bicos do peito e tem um ar um pouco tristonho." (CS, 18 10-1854). Alguns abandonavam a senzala, parece, por razões sentimentais, como o cabra-acaboclado João, 30 anos, que carregou consigo Agostinha, 18, crioula fuleira, "com peitos ainda de pé" (CS, 10-1-1855). O africano Benedito, diz o anúncio que o motivo da deserção foi "uma tal Perpétua, sua amásia." (CS, 21- 10 - 1854).

Se de um lado o escravismo não discriminava idade na exploração do trabalho dos africanos e seus descendentes - aproveitando esses infelizes desde a puerícia até provectora velhice, a fuga, por seu turno, imitou-lhe o proceder: o desejo da liberdade perpassa todas as idades. Encontramos na terra sergipense negrinhos que desde os 13 anos caíram no mato, quer isoladamente, quer junto de outros. 21% dos fugitivos tinham de 13 a 19 anos. É contudo na flor da idade, dos 20 aos 29, que mais o desejo da liberdade tentava a escravaria. Como a esperança de vida era bastante reduzida nesta população de trabalhadores forçados, a velhice com seus achaques e doenças devia inibir cedo as esperanças da liberdade através da fuga, quem sabe, deslocando a partir dos 40 a expectativa dos pretos e pretas velhas para através da alforria, comprada ou ganha, conseguirem a tão desejada libertação do cativeiro: apenas 17% desses evadidos ostentava idade superior a 40 anos. O mais idoso fujão desta lista foi o negro Gregório, "70 anos pouco mais ou menos, sem dentes, tem por costume andar bulindo com os queixos como quem masca fumo." (CS, 7-5-1864). Devia ser ainda economicamente ativo, pois seu senhor prometeu "a quem o pegar e trazer no seu sítio Bonfim, boa recompensa."

Possuindo Sergipe vida urbana extremamente simples e diminuta, poucos

eram os escravos dedicados a misteres citadinos, como se observa nos anúncios de jornal das maiores cidades do Império. Reflexo do ruralismo dominante, é a predominância dos escravos fugidos de engenhos e sítios, alguns referidos como trabalhadores do eito e em menor número, em ocupações domésticas. É de S. Cristóvão, a capital de Sergipe até 1855 e das vilas circunvizinhas donde há mais anúncios de negros fujões: Laranjeiras, Santo Amaro, Marcoim, Socorro, Aracaju, seguidas das localidades situadas no sertão ou no sul da Província: Estância, Lagarto, Itabaiana, Simão Dias. Não há referência a nenhum escravo de ganho ou de aluguel, aguadeiro ou de arruar: dentre os fujões com especialização profissional, o mais comum eram os sapateiros, que aparecem em 11 anúncios, seguidos de 4 carpinteiros e de um canoeiro e um alfaiate. Apenas 16% destes escravos são identificados como possuindo tais habilidades, sendo digno de destaque o fato que nove destes revelavam mais de uma especialização profissional: há tres sapateiros que também eram: um cozinheiro, outro mestre de açúcar e o último churruteiro; um mestre de açúcar era também pedreiro; um caldeireiro exercia também o ofício de carpintaria; estoutro era cozinheiro e lacaio. A mulata Luiza, 40 anos, sabia "cozer, bordar, tecer, lavar, engomar e é cozinheira" (CS, 8-7-1854); Joaquim, 25 anos, mestiço "é oficial de alfaiate, muito curioso a outros ofícios, bem como ao de pedreiro e carpinteiro." (CS, 25-10-1862). Mais dotado de todos era o crioulo Frimino, que fugido do Rio de Janeiro, sua senhora supunha estar escondido em Sergipe: "é perfeito criado e copeiro, entende de cozinha, lava, engoma, coze e anda bem a cavalo" - uma verdadeira amazonas! (CS, 20-5-1860). Também dignas de ressalva são algumas habilidades pessoais da escravidão nesta pequena província nordestina; dentre os evadidos há tres escravos alfabetizados: o cabra Carlos, 25, "escreve alguma Coisa" (CS, 31-5-54), o já citado mestiço Joaquim, 25, "sabe ler e escrever" e finalmente Claudino, 28 anos, crioulo, "apesar de pegar na pronúncia da letra 'R', é muito retórico, sabe ler e escrever" (CS, 12-4-54). Em Sergipe, pelo Decreto nº 13 de 20 de março de 1838, proibia-se frequentar as Escolas Públicas "os africanos quer livres, quer libertos", não obstante, já em 1850, de um total de 1980 alunos matriculados nas 50 escolas desta Província, 31 eram da cor negra (10), havendo desde 1848 uma parda, filha de libertos, entre as candidatas ao cargo de professora de Primeiras Letras de meninas na vila do Rosário do Catete (Mott, 1976:21).

(10) Nunes, Maria Thetis. História da Educação em Sergipe, Paz e Terra, SP, 1984:285

Com toda certeza aqueles tres fujões alfabetizados aprenderam os segredos da escrita nas casas de seus senhores posto que não se permitia aos escravos sentar nos bancos escolares.

Outra habilidade de alguns dos escravos escapulidos tinha a ver com o lazer: o crioulo Francisco, de Estância, é descrito como "muito retórico e contador de histórias, toca sofrivelmente guitarra e alguma coisa viola, e canta suas cantatas." (CS, 18-1-1854); Luiz, "cor formiga, 15 anos, muito ladino, alegre e contador de história" (CS, 18-10-1854) - no caso deste, apontam-lhe outro detalhe: "gosta de batuques", subentendendo-se por este termo tanto os rituais religiosos realizados ao som de atabaques, os "xangôs", quanto divertimentos profanos igualmente animados ao som dos tantãs.

Através de alguns destes anúncios podemos detectar certos indícios que parecem comprovar a afirmação de D. Marcos Antonio de Souza, ex-vigário da freguesia sergipana do Pé-do-Banco, de que nesta província, os escravos eram melhor alimentados e tratados com mais humanidade do que os da vizinha Bahia (11): muitos negros destes anúncios são referidos como "gossos", i.e, gordos, outros são "bem aparecidos", inclusive africanos, como o angolano Pedro, "bem cuidado que parece crioulo". Algumas negras destacam-se por serem bonitas, vistosas, limpas e bem cuidadas, como a crioula fula Eugênia: "de corpo proporcionado, traz os cabelos altos por diante" (CS, 10-3-1848) ou a parda Isabel, 40, "cabelo pouco encarapinhado e alguns brancos, enseba-os e os reparte em frente" (CS, 10-3-1854). Também os escravos alimentavam certas vaidades: Brás, 30, costuma amarrar um lenço na cabeça; Romão, escravo do Juiz de Direito de Laranjeiras, nação Congo, além dos dentes limados tinha "suissas curvas chegadas aos cantos da boca" (CS, 22-6-1842). Neste particular, nossa amostra contradiz a opinião de Gilberto Freyre quando defende terem predominado no Brasil os negros eugênicos do tipo longilíneo: em Sergipe, apenas 20% dos fujões de ambos os sexos são referidos como altos, os restantes, apontados como baixos ou de estatura regular.

A maior parte dos anúncios revela o lado feio e desumano do escravismo, a tal ponto que Joaquim Nabuco, no seu O Abolicionismo assim se expressou: "Não há documento antigo, preservado nos papiros egípcios ou em caracteres góticos, nos pergaminhos da Idade Média, em que se revele uma ordem social mais afastada da civilização moderna." (apud Freyre, 1979:XI). Para o caso de Sergi-

(11) Souza, M.A. Memória sobre a Capitania de Sergipe. IBGE/DEE, Aracaju, 1944

pe, há provas incontestáveis de que também a crueldade extrema aí grassou desva-
irada: alhures divulgamos o abominável episódio de um senhor residente dos la-
dos do S. Francisco que nos idos de 1678 matou de açóites um seu moleque por ter
cometido o pecado de sodomia (12). Suspeitamos, contudo, que as dificuldades de
importação de africanos e o número reduzido de escravos por propriedade, tenham
forçado os senhores sergipanos a tratarem seus cativos com mais cuidado do que
nos lugares onde mais facilmente substituídos e abundantes. Reforça tão ilação
o fato de que apenas quatro destes fugitivos ostentavam sinais de chicote e cas-
tigos: Feliz, crioulo bem preto, "tem nas costas uma malha proveniente de surra
e levou consigo uma boa escrava, Joaquina, mestiça clara, com um sinal de costu-
ra na garganta de golpe de ferro" (CS, 12-3-1845). Destes, quem mais apanhou e
ficou marcado foi o já citado Luiz, cor de formiga, que nos seus 15 anos de vi-
da, já ostentava indelével, as marcas de suas desobediências e tiranias senhori-
ais: "tem sinais de chicote pela barriga, costas e pescoço, parecendo-se aque-
las com cicatrizes de fogo." O excesso do castigo parece ter sido o móvel da
fuga do mulato Agostinho, do Engenho S. José, vila do Rosário: "foi há pouco sur-
rado." (CS, 17-7-1860)

Muitos escravos ostentavam feias marcas, cicatrizes, aleijões e acha-
ques provocados por acidentes de trabalho: dedos ralados na roda de mandioca,
coices de animais, falta de dedos nos pés devido a golpes de machado, queimadu-
ras diversas provavelmente adquiridas em acidentes nos tachos de açúcar, alam-
biques ou em fogões de lenha, caroços, cicatrizes e arranhões por todo o cor-
po, resultado de acidentes nos trabalhos dentro das matas, brejos e lavouras.
Desde os tempos do Padre Vieira e Padre Benci que alguns colonos mais sensíveis
comparavam a labuta e o corpo dos escravos aos sofrimentos da paixão do Cristo:
os anúncios do Correio Sergipense revelam mais de uma dezena de escravos doen-
tes e achacados, constituindo tal fonte importante manancial para o estudo da
história sanitária deste segmento demográfico. Começemos pelos pés dos escla-
vos: como o uso de sapatos era reservado aos cidadãos livres, frequentemente os
anúncios referem-se aos pés dos cativos como grossos, rachados, malfeitos, com
bicho, fora de articulação, inchados, com cravos dificultando o andar. Alguns
são mancos ou faltos de alguns dedos. Os joelhos são descritos como grossos ou
inchados, as pernas zambras: um deles, "quando caminha cai a banda para os lados
carregando para o esquerdo." Certos têm a virilha quebrada e algumas negras só

(12) Matt, Luiz. "A Inquiisição em Sergipe", 1985 (no prelo, Aracaju, Sergipe)

podem "caminhar muito descansado", certamente por causa de reumatismo ou problemas ortopédicos. É contudo na epiderme que mais se notavam os efeitos de várias doenças: muitos mostravam a cara, pescoço e apa cobertos de "pano", uma dermatose ainda muito comum no Nordeste (pitiríase versicolor). Outro tanto tinha sinais de bexiga (varíola) por todo o negro corpo, ou "cicatrices de bichas". As mãos calejadas destes trabalhadores forçados ostentavam marcas doentias: dedos aleijados, ralados, rombudos, faltos de unhas causados por panariz, unhas podres e comidas por "afomentação", mãos sarnentas, dedos bichentos. Vários são os que têm sinais na cabeça: cicatrizes, queimaduras, falta de cabelo devido a feridas ou outiladas, orelhas cortadas, carnosidades no queixo ou bochecha provenientes de dor de dente ou feridas. Dentes podres ou falta de dentes também se repete miudamente. Os olhos destes escravos espelham facetas subjetivas das vidas destes infelizes: são fundos, amortecidos, vagarosos; às vezes referidos como esfumaçados ou vermelhados. Alguns defeituosos: há vesgos outros com carnosidades e feridas oculares.

Outro aspecto constante nos anúncios que revela faceta íntima dos escravos é a sua fala. Ao tratar dos africanos antecipamos que alguns dos fujões "mal pronunciavam" a língua de Camões, enquanto outros falavam "bem explicado" e "desembaraçado". Vários são os gogos, como o crioulo do Padre Ferreira Castro do Engenho Serraria (CS, 24-7-1853), ou o Nagô Antonio, "bastante ladino e bem apessoado, que quando tem raiva fala gaguejando." (CS, 14-9-1842). Freud explica.

Diversos são os desertores apontados por seus proprietários como possuindo incorreções de conduta ou vícios: o mulato Pedro, "de cor bem clara que parece até branco, cabelos corridos, tem fala fina e é muito mentiroso e ladrão" (CS, 3-11-1849); Antonio Congo, 38 anos, "é tomador de tabaco e cachaça" (CS, 1-7-1840) e o crioulo Pedro, 28, "bebe muita aguardente e toma tabaco e quando está um pouco bêbado, fica muito gracioso." (CS, 12-6-1861). Há os que são apontados como preguiçosos, ladrões, sonsos e vários demonstram no semblante a infelicidade da condição servil: o congo Francisco, 40, do Engenho Beija Flor "é muito pródigo em chorar" (CS, 15-6-1844); a moleca Genoveva, apesar de seus 14 anos, "tem um ar um pouco tristonho" (CS, 29-12-1847); o mulato Serafim, 20, "é um tanto carrancudo" (CS, 3-10-1855); o pardo Vicente, apesar de bem parecido, "tem olhar umas vezes carregado e outras jovial" (CS, 15-1-1859).

Estaríamos faltando à objetividade se omitíssemos certas evidências de que os escravos sergipanos pareciam estar - alguns - conformados ou mesmo adaptados à triste condição em que viviam: o supra-citado Vicente entremeava

sua carranquice com jovialidade; o crioulo Paulo, asmático, é apontado por seu proprietário como sendo "muito cortês" (CS, 9-8-1848); o moleque Sanção, 18, sagliantou-se por ser "um tanto gaiato no falar" (CS, 14-3-1849). Vários são referidos como alegres. Contudo, o fato de terem fugido obriga-nos a relativizar a pseudo-conformidade destes "bons escravos" e interpretá-la, quiçá, como camuflagem longamente arquitetada a fim de despistar as atenções senhoriais e facilitar-lhes a fuga.

O próprio abandono da propriedade suscita uma série de indagações ao pesquisador, algumas ainda sem resposta. Por exemplo: qual a porcentagem de escravos fugidos que eram anunciados nos jornais de Sergipe? Encontramos entre 1840-1864 em média apenas 5 anúncios por ano neste que foi o principal periódico sergipano, taxa que consideramos muito baixa se levarmos em conta que neste período a Província deveria contar por volta de 40 mil escravos e 150 mil habitantes livres (Mott, 1982:21). Sempre tentando vislumbrar o significado numérico dos escravos anunciados face ao total dos fugitivos, contabilizamos o tempo que os senhores levavam para dar publicidade do desaparecimento de seus cativos: de um total de 111 informações disponíveis, apenas 5 deram a notícia do nome e característica dos fujões no dia seguinte, 21 dos senhores dentro de uma semana, 60 no prazo de um mês, 23 entre 2 meses e um ano. Provavelmente a maior parte dos senhores desprezavam tal recurso, apesar de custar poucos réis: conversas e promessas de viva voz feitas aos Capitães do Mato, Delegados de Polícia, Militares e com a vizinhança talvez resultassem melhores e mais certas capturas. Notável e sintomático é que uma vintena destes proprietários anunciantes possui a patente militar: Major, Capitão, Coronel, Comandante, estando entre tais senhores também quatro sacerdotes e um Juiz de Direito. Um dos escravos fugidos pertencera anteriormente ao Barão de Itaporanga, importante personagem na história sergipana. O que vale dizer: tais proprietários deviam possuir importantes e extensas redes sociais que passavam a ser acionadas na captura dos fugitivos.

Há senhores que não perdiam a esperança nos anúncios, como o herdeiro do casal Luiz Pereira Ribeiro, de Estância, cujo escravo Francisco fugira "há 9 anos mais ou menos" (CS, 18-1-1854). Há escravistas de outras Províncias que anunciavam no Correio Sergipense, não só das limítrofes Bahia e Alagoas, mas da Paraíba e do Rio de Janeiro: com o incremento do tráfico inter-provincial muitos foram os cativos que retornavam para suas regiões de origem.

Encontramos o maior número de anúncios de escravos fugidos nos seguintes anos: 1849 (19), 1854 (16) e 1853 (14): escapam-nos as razões destes ápi-

ce, assim como são tênues as explicações para a variação do número de fugas ao longo dos diferentes meses do ano: notamos todavia pequeno aumento nos meses de plantio da cana em comparação com o período da safra. Tais são os motivos destas escapulidas apontadas no Correio Sergipense: maltratos, desejo de voltar para um antigo senhor ou para o local originário da parentela, razões "do coração", sonho de liberdade.

Vários são os escravos que escolhem dias especiais para a concretização deste designio tão cobiçado: 1º do ano, quinta feira maior, ou então, a calada da noite ou madrugada. Aliás, também foi nos dias festivos que muitas das revoltas de escravos se concretizaram, tanto na Bahia quanto em Sergipe, aproveitando-se os oprimidos da distração dos opressores. Isoladamente ou em grupos de até tres pessoas, lá vão os desertores levando consigo uma série de objetos, no mais das vezes, roupas, que são minuciosamente indicadas pelos proprietários a fim de auxiliar os caçadores de fujões. Alguns saem apenas com a roupa do corpo, como o crioulo Marcos, 20 anos, "que levou apenas camisa e celoura de algodão da terra" (CS, 22-3-1854), ou como o pardo Vicente, 20, "que deve andar com pouca roupa visto não ter podido carregar a que tinha guardada" (CS, 15-1-1859). A alguns faltavam partes essenciais do vestuário, p.ex. as calças, calções ou ceroulas, levando-nos a concluir que tangas ou faixas substituíam aquelas, cobertas com as fraldas das camisas. Outros carregavam muita roupa, quiçá roubada de seus senhores: várias camisas, calças, ceroulas, jaquetas, chapéu, panos. Embora predominem roupas confeccionadas com tecidos grosseiros - algodão da terra ou da fábrica de Valença (BA), estops, constam também indumentárias de baeta, morim, algodão americano, azulão, chita, zuarte, brim, riscadinho, lã e cassa. Vários trazem jaquetas e chapéus, variando o material destes entre palha, baeta, de pelo preto, de lebre ou couro. Dois tinham bonés, sendo um de marinheiro inglês. As cores predominantes nas roupas destes escravos eram: branco, preto, verde e riscado. As negras, por seu turno, vestiam-se com mais colorido: suas saias eram de chita cor de rosa com flores vermelhas, de zuarte azul ou com ramagens, de riscadinho, de chita amarela francesa, de chitão. Por cima da saias- que deviam ir até os pés, rodadas tal qual ainda hoje vestem as filhas de santo nos xangôs de Sergipe - traziam camisas de cassa em quadros, de brim, de riscadinho da Bahia, de madastrô: algumas dessas peças são descritas como já desbotadas ou remendadas. Várias são as negras que carregaram os cobiçados "panos da costa": branco, azul. Nem todos eram tecidos de fato na Costa d'Africa: um deles, listrado de vermelho, era "pano da costa inglês". Há mesmo uma fujona

que trazia um chale francês, talvez surrupiado de sua sinhá-dona.

Alguns fugiam calçados, inclusive com botas, e uma dezena levou uma trouxa nas costas, ou mesmo um surrão de couro: "André, crioulo, 20 anos, so - brancelhas fechadas, levou vestido uma calça preta e uma jaqueta nova de chita preta e um chapéu de palha, levando às costas um surrão com mais roupa e uma ba eta incarnada"(CS, 2-9-1848); Luiz, cabra de 30 anos, levou "um machado no ombro com uma trouxa" (CS, 4-10-1854), fazendo figura igual ao clichê que em muitos jornais do Brasil e exterior costumavam colocar no cabeçalho dos anúncios dos fujões. Rede de dormir é outro pertence carregado por alguns cativos de Sergipe, demonstrando que certos desses descendentes dos selvícolas africanos não dispensavam a comodidade de dormir balangando-se: o cabra Matias além da rede não esqueceu do lençol(CS, 4-5-1844) e o congo Francisco "cobertor de algodão novo." Apenas uma escrava é acusada de ter roubado dinheiro no momento da fuga.

Diversificadas são as estratégias dos fugitivos para evitarem ser reconhecidos e recambiados às suas senzalas de origem. Muitos mudam de nome: o africano Messias apresentava-se como Joaquim (CS, 9-4-1842), Luiz cabra "consta que chama-se ora João Maurício, ora Luiz Ramos" (CS, 2-9-1848). Alguns inventam também novo nome para seu senhorio: o angola Afonso "costuma dizer que se chama João e o seu senhor Paxeco" (CS, 30-9-1848). Tais anúncios servem também como fonte complementar para o estudo da onomástica escrava: apenas 5 destas 144 cativos não tiveram seus nomes declinados pelos proprietários, revelando que até mesmo os africanos boçais já eram identificados com nomes cristãos.

Às vezes o disfarce é sutil: o cabra Brás amarrava um lenço na cabeça para ocultar a falta de uma orelha (CS, 29-1-1853); um outro fazia-se passar por "apatetado". Diversos apresentam-se como forros, posto que já desde a primeira metade do século XIX, 50,5% dos habitantes de Sergipe era constituída de pardos e pretos livres. É o caso do crioulo Adriano, 25, "dizem que vende na feira e que tem trabalhado no serviço do canal Pomonga, onde se diz forro"(CS, 18 10-1854); José Crioulo, 30, "bastante conversador, anda com papéis falsos de alforria" (CS, 3-11-1860), quem sabe, conseguidos com algum escravo alfabetizado.

Importante regularidade aparece nestes anúncios: parte significativa dos escravos fogem a fim de retornar a seu antigo senhorio, ou então, dirigem-se ocultamente para a propriedade de um senhor por quem desejam ser comprados, seja para escapar de maus tratados, seja para unir-se a algum ente querido. Às vezes havia participação dolosa de um pretendente comprador que estimulava a fuga e encobertava o cativo até realizar seu desiderato, ambas contravenções

puníveis criminalmente. Certos senhores, talvez sabendo desses antecedentes, no próprio anúncio manifestam sua disposição de desfazer-se do fugitivo: "O anunciante não duvida em vender o mencionado escravo à pessoa que o pretender" (CS, 11-4-1842); Dona Maria Francisca do Amparo, de S.Cristóvão, dizia: "Aparecendo quem queira comprar o cabra fugido, se venderá" (CS, 10-11-1847). Outra escravista, D.Águeda Maria do Espírito Santo tendo perdido seu mestiço Eufrásio, assim publicou: "Consta que o dito escravo fora desencaminhado por pessoa mal intencionada que ocultamente o pretende vender para o Rio Grande" (CS, 29-3-1854). O proprietário do Engenho Mato Grosso não titubeia em apontar os nomes dos suspeitos criminosos: "Consta que meus escravos Josão e Agostinha foram seduzidos pela senhora D.Rosa Luiz d'Andrade Maciel, a quem o anunciante os comprou" (CS, 10-1-1855). Outra acusação de sedução refere-se a um cativo da vizinha província das Alagoas, suposto estar escondido em Sergipe: trata-se do crioulo Hirênio, que além das "cicatrices provenientes de chicote, levou consigo um cavalo russo capado e passeiro, constando ao anunciante que fora o dito escravo seduzido pelo alemão F.O.F.Rud, de quem trouxera uma guia para seu livre transporte à cidade do Maroim. O anunciante está colhendo as precisas provas para proceder na forma da lei" (CS, 9-3-1861). Como este, são muitos os proprietários que ameaçam "como todo rigor da lei" processar os culpados, seja "o malicioso desencaminhador", seja os que ocultam dolosamente escravo alheio. A estes, os anúncios chamam de "padrinhos": Francisco, crioulo de Estância, era protegido por pessoas da vila de Campo do Brito e "quando é procurado, retira-se ou esconde-se, apadrinhado que está por ali" (CS, 18-1-1854). Outros previnem que os "padrinhos" além do processo contra suas pessoas, terão que saldar os gastos com a ausência do fujão. O dono do Engenho Belém dizia: "consta estar meu crioulo Lúcio escondido em poder do Senhor que o vendeu ao anunciante, o qual protesta haver do mesmo os dias de serviços que decorrem até sua entrega, bem como todo e qualquer prejuízo que possa ocorrer" (CS, 26-1-1845). É o Padre João Antonio Figueiredo Matos, da freguesia de Simão Dias, que esclarece em seu anúncio o valor que iria cobrar pela diária de seu escravo ausente: 1\$600 reis (CS, 2-12-1858). Valor, diga-se de passagem, um tanto quanto exagerado, pois na capital da Província, pagava-se nesta mesma época, "a serventes reforçados, forros ou cativos o jornal diário de \$880 reis" (CS, 12-3-1859).

Certas vezes os senhores não tinham certeza se o desaparecimento de suas "peças" era devido a furto ou fuga: como o Sr. José Antonio Leite, da vila de Capela, que anunciou assim: "No dia 27 de junho, pelas tres horas da madru-

gada, dois sujeitos a cavalo furtaram uma sua escrava, Luiza, nação crioula, prenhe de 6 a 7 meses, de idade de 15 a 16 anos, bem parecida, levando consigo sua roupa azul e limpa, com 50\$000 em dinheiro e 16 a 20\$000 em moedas de prata que furtou do anunciante por ser induzida talvez pelos ditos ladrões, pois que não era de seu costume" (CS, 20-8-64). No Arquivo Público do Estado de Sergipe há algumas denúncias de ciganos envolvidos com o roubo e comércio doloso de escravos, assim como pelo "desastroso crime de reduzir à escravidão pessoa livre" (13).

Muitos anunciadores prometiam recompensar tanto a quem desse notícia certa sobre o paradeiro dos desaparecidos, quanto aos que os trouxessem às suas presenças. Os termos mais usados são: pegar, preder, agarrar - e devem ser brandos se comparados com a crueldade como deviam ser tratados os fujões quando capturados, após dias de trabalho perdidos, gastos com recompensas, etc. Vários proprietários indicam diversas localidades alternativas onde poderiam ser recebidos os trãnsfugas: o Sr. José Fernandes de Oliveira Guimarães, residente no Aracaju, dá os nomes de seus agentes em Maroim e Laranjeiras; quem prendesse o mulato Joaquim fugido da Bahia, podia devolver-lo e receber a recompensa em Aracaju, Laranjeiras, Lagarto, Itabaiana ou no Lagarto (CS, 24-7-1861) Em muitas localidades, indicava-se o nome do Vigário local como a pessoa encarregada de receber os capturados, mais uma prova do aval e comprometimento do Clero católico com a hedionda escravidão. Alguns senhores prometiam em troca da devolução "recompensas", outros "recompensas generosas", vários especificam o quanto estariam dispostos a beneficiar quem devolvesse seus negros ao cativeiro: encontramos fazendeiros oferecendo 20\$000 de prêmio, independentemente da idade e sexo dos desaparecidos, sendo porém mais comum a oferta de 50\$000, quantia que pareceu-nos muito reduzida pois equivaleria ao salário de 12 a 30 dias de trabalho, de 5 a 10% do valor médio dos cativos. Quanto mais tempo desaparecido, mais os senhores mostram-se dispostos a aumentar o prêmio, chegando a ser oferecido 100\$000 por um negro corcunda sumido há 3 anos, 200\$000 por um mulato sapateiro escapulado há 5 anos e 400\$000 em troca do negro fula, bom serviçal, fugido do Rio de Janeiro. Da mesma forma, desde o século XVIII, como já previa o regimento dos Capitães do Mato, o valor da recompensa variava também em função da distância onde se efetuava a captura, contabilizando-se aí os gastos com o transporte e alimentação: o proprietário do escravo Agostinho, do En-

(13) Noticiador Sergipense, 15-1-1836, art.179 do Código Criminal.

genho São José, no Rosário do Catete, oferecia por seu fujão 100\$000 nesta Província ou em outra qualquer do Império, 200\$000 (CS, 17-7-1860). Nesta época, uma escrava "própria para serviço de casa" ou um crioulo de 16 anos, "ótimo carreiro" valiam 700\$000 (CS, 1-10-1853), portanto, as recompensas podiam oscilar de 3,5% até mais da metade do valor destes escravos.

Aqui encerramos esta incursão pelos anúncios de escravos fugidos da Província de Sergipe. Dada a pequenez da amostra, consideramos este trabalho apenas a ponta do iceberg, esperando que outros pesquisadores lancem mão desta fonte documental, aumentando o universo e depurando-a através de metodologia mais sofisticada. Sua contribuição para o conhecimento da demografia escrava pode ser muito grande e levando-se em conta sua extensão documental e a facilidade da coleta deste material - todo impresso - só nos resta aguardar que alguma equipe realize tal levantamento e sistematização em nível nacional. Isto talvez possa ser feito sem ter-se de sair do Rio de Janeiro, pois a Biblioteca Nacional possui coleções de periódicos mais completos que as próprias províncias de origem.